



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

7387 - Trabalho Completo - 14a Reunião da ANPEd – Sudeste (2020)

ISSN: 2595-7945

GT 23 - Gênero, Sexualidade e Educação

JUVENTUDES E MASCULINIDADES DISSIDENTES: PRECARIZAÇÃO E RESISTÊNCIAS NO ESPORTE E NA ESCOLA

Leandro Teófilo de Brito - UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

JUVENTUDES E MASCULINIDADES DISSIDENTES: PRECARIZAÇÃO E RESISTÊNCIAS NO ESPORTE E NA ESCOLA

Emerge com força na contemporaneidade, impulsionado por movimentos feministas e LGBTI+, o debate sobre a chamada masculinidade tóxica, significada pelos modos normativos de “ser homem” presentes desde cedo na criação e educação de meninos e jovens, e que hoje, mais do que nunca, sabe-se que gera malefícios, desequilíbrio e desordem emocional nas relações sociais, sobretudo para os próprios homens.

Neste contexto, mobilizado a pesquisar sobre a intersecção masculinidade e juventude busquei no esporte, tido como uma área masculina reservada (DUNNING, 2013), e na escola, espaços-tempos profícuos para o desenvolvimento desta discussão sobre as formas normalizadoras de “ser homem” e seus deslocamentos. Minha aposta foi pensar os efeitos de realidade produzidos pela linguagem na constituição dos sentidos socialmente atribuídos à masculinidade. Uma abordagem político-epistêmica que responda às complexidades das relações e demandas contemporâneas que emergem nos contextos do esporte e da escola. Neste sentido, as teorizações de Jacques Derrida, Judith Butler e Sirma Bilge acerca dos processos de significação e identificação, me permitiu construir princípios e operadores de pesquisa localizados numa perspectiva antiessencialista para interpretação do gênero em integração a categorias como orientação sexual e idade.

Em leitura desconstrutora da teoria dos atos de fala do filósofo John Austin, realizada por Derrida (1991) e a leitura de Derrida por Butler (2009), definem a teorização da performatividade da linguagem, que diz respeito a capacidade da linguagem, ao ser repetida, de produzir efeitos de realidade e assim participar das construções de sentidos sociais em circulação na sociedade. Por essa articulação epistemológica, que Butler (2019) entende o gênero como performativo, ou seja, o gênero não é uma identidade estável na qual diferentes ações acontecem, mas uma identidade tenuamente constituída no tempo, por meio da repetição estilizada de falas, atos e gestos, instituídas por uma matriz heterossexual e pela suposta coerência sexo-gênero-desejo. Neste sentido, a estilização do corpo é atravessada por gestos corporais, ações e movimentos de vários tipos que formam a ilusão de um eu generificado e estável, isto é, nada mais do que uma identidade construída por atos descontínuos em que os próprios atores sociais que a executam acreditam neste modelo essencial como uma ilusão convincente e objeto de crença.

Pensar a masculinidade por esta perspectiva significa reconhecer os disputados

processos de identificações do masculino performatizados nos diversos contextos sociais e que se inclui a escola e o esporte. Tal perspectiva contesta qualquer naturalização da identidade, pela constante repetição/deslocamento de sentidos ao participar das disputas por significações relativas às tentativas de estabilizações identitárias da masculinidade, possibilitando uma leitura mais complexa de tais processos. Apostar em performatizações da masculinidade como interpretação dos sentidos do masculino no social, significa assumir um movimento contínuo de adiamento de alguma estabilização definitiva dos processos de identificação da masculinidade na contemporaneidade.

Também aponto a categoria juventude como performativa. Assim como Judith Butler contestou o binarismo masculino/feminino pelo argumento antiessencialista do poder da linguagem de produzir efeitos de realidade e seus processos de repetição/deslocamento de sentidos, a noção de performatividade se mostra potente na contraposição ao adultocentrismo, que permeia os processos de identificação e significação da juventude na sociedade (LEITE, 2014). A identificação da juventude como performativa permite contestar atribuições naturalizadas, tais como irresponsável, hedonista e alienado, comumente direcionadas ao sujeito jovem na sociedade e que corrobora com o discurso do senso comum de desengajamento político desta identificação em variadas esferas da sociedade.

A integração das identificações da masculinidade, da orientação sexual não heterossexual e da juventude na pesquisa será discutida pela proposição da abordagem interseccional. Reconhecendo que não se trata de um mero somatório de opressões, mas de uma abordagem integrada que articule categorizações da diferença (e da desigualdade) que emergem e interpelam os relatos dos sujeitos, destacando ou mesmo secundarizando – ainda que contingencialmente - alguma subordinação, a interseccionalidade se mostra uma abordagem analítico-política potente para problematização da articulação de diferentes atravessamentos identitários nas vivências cotidianas dos sujeitos (BILGE, 2009).

Deste modo, para discussão sobre as identificações e significações da masculinidade na contemporaneidade, operacionalizei a produção de narrativas com jovens que se identificavam como homossexuais e bissexuais e se constituíam como atletas de voleibol e estudantes dos anos finais do ensino médio. As narrativas partem dos princípios propostos por Arfuch (2010), que defende a realização de entrevistas na pesquisa acadêmica pela incorporação da dialogia entre entrevistadores/as e sujeitos entrevistados, contestando posições hierárquicas, e de uma perspectiva que considere o caráter não essencial, o posicionamento contingente e móvel nas enunciações proferidas.

Foram produzidas narrativas com 20 jovens adolescentes, que problematizaram os processos de significação e identificação da intersecção entre masculinidade, homo/bissexualidade e juventude no esporte e na escola. Entre os resultados, os jovens adolescentes enunciaram o espaço do voleibol como um local em que processos de resistência e agência sobre as tentativas de normalização de suas masculinidades foram performatizados com o intuito de reconhecimento de suas identificações, ainda que se mostrasse um local também regulador em relação à orientação sexual divergente da heterossexualidade. Já a escola, as narrativas destes jovens a enunciaram como um espaço bem mais segregador em relação à homo/bissexualidade, que os enquadrava numa condição precária e abjeta. Além do não reconhecimento dos mesmos como sujeitos de direitos na reivindicação de posições políticas, de reconhecimento e inteligibilidade, sendo a condição jovem e seu enquadramento essencialista uma das justificativas. As identificações dos jovens também foram enunciadas nas narrativas pelo atravessamento dos marcadores de raça, classe, deficiência e religião em suas vivências no esporte e na escola.

Palavras-chave: Masculinidade. Diferença. Escola. Esporte.

REFERÊNCIAS

ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2010.

BILGE, Sirma. Smuggling intersectionality into the study of masculinity: some methodological challenges. In: FEMINIST RESEARCH METHODS: AN INTERNATIONAL CONFERENCE, 2009, Stockholm. *Anais...* Stockholm: 2009.

BUTLER, Judith. Atos performáticos e a formação dos gêneros: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. *Pensamento feminista: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, p. 213- 230.

BUTLER, Judith. *Lenguaje, poder e identidad*. Madrid: Editorial Síntesis, 2009.

DERRIDA, Jacques. *Limited inc*. Campinas: Papyrus, 1991.

DUNNING, Eric. O esporte como um domínio masculino: observações sobre as fontes sociais da identidade masculina e suas transformações. In: REIS, Heloisa Helena Baldy dos (Org.). *Sociologia do esporte e os processos civilizatórios*. São Paulo: Anablume, 2014, p. 233-254.

LEITE, Miriam Soares. Performatividade: inscrições, contextos, disseminações. *Práxis Educativa*, Ponta Grossa, v. 9, p. 141-165, jan./jun. 2014.